

PASQUALE PETRONE: MESTRE DA DOCENCIA E DA PESQUISA

Amalia Ines Geraiges de Lemos¹

Homenagem de seus orientandos

Dentre os vários geógrafos que a partir da década de 1950 dedicaram seus estudos sobre a Cidade de São Paulo, destacamos os trabalhos pioneiros de Pierre Monbeig e Caio Prado Junior, ambos publicados posteriormente, em 1987?. Desse período – os anos de 1950 - são também as teses de doutorado de Ary França “Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo” e a de Aziz Ab’Saber, “Geomorfologia do sitio urbano de São Paulo.” Nesse mesmo período, como homenagem ao IV Centenário da Cidade de São Paulo, um grupo de geógrafos e outros colaboradores, pertencentes a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, coordenados pelo Prof. Dr. Aroldo de Azevedo, realizaram um estudo denominado “Cidade de São Paulo” Estudo de Geografia Urbana, publicada em 1958 em quatro volumes. Do grupo que pertencia ao Departamento de Geografia, se destaca a presença e o interesse do Prof. Dr. Pasquale Petrone. O Instituto de Geografia (IG), que funcionou entre os anos de 1963 e 1989, quando foi extinto e absorvido pelo DG, era o espaço onde se realizavam as pesquisas e possuía um organograma, cuja Direção Geral era exercida pelo Prof. Dr. Aroldo de Azevedo, sendo o diretor da divisão de pesquisa o Prof. Pasquale Petrone, e a direção de cultura, o Prof. Dr. João Dias da Silveira. Nesse contexto existiam os laboratórios de Geomorfologia, de Climatologia, de Pedologia, de Geografia Humana, de Geografia Econômica, de Fotografia Aérea, de Cartografia, entre outros e eram solicitados para trabalhar nas pesquisas os melhores alunos do curso de Geografia com o título de “Auxiliar de Documentação”. Posteriormente depois de formados alguns passavam a pesquisar nesses laboratórios como geógrafos. Aqui citamos a Prof^a. Dr^a Ana Maria Marques Camargo Marangoni que exercia essa função no Laboratório de Geografia Humana no tempo aqui descrito, por nós freqüentado, onde preparava os questionários para serem aplicados, os mapas das áreas a serem estudadas ao mesmo tempo que preparava o ambiente para a realização dos colóquios dos professores com seus orientandos. Entre os outros laboratórios, no do pedologia destacou-se o trabalho do hoje também Prof. Dr. Paulo Nakashima, atual docente na Iniversidade Estadual de Paringá (PR). Realizamos entrevistas

¹ Graduação em Geografia pela Universidad de Cuyo Mendoza, mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Universidade de São Paulo. E-mail: amain@usp.br

com alunos contemporâneos a essa organização, entre os quais menciono os hoje Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu e o Prof. Dr. Manoel Fernandes SEABRA. Também participamos desse Instituto procurando, em nossas lembranças, detectar as pesquisas realizadas nas áreas da Geografia Humana, que são de nosso especial interesse. O IG tinha também um setor de publicações que editava os resultados dos estudos. Assim, alguns dos trabalhos realizados, se referem ao abastecimento da cidade de São Paulo, do Laboratório de G. Econômica, cujas pesquisas do Prof. Dr. Seabra e da Prof. Dra. Judilh de La Corte, constituíram as bases para suas futuras teses de doutorado. O então Auxiliar de Documentação Adilson Avansi de Abreu levou adiante as investigações sobre “As funções urbanas da zona do Mercado Central de São Paulo”, que foram publicado primeiramente no Caderno de Geografia Econômica n 2, Setor de Pesquisa, São Paulo, 1966. Pelo pioneirismo metodológico do trabalho e a qualidade, foi publicado novamente no Boletim Geográfico n 211, ano 28, p 63-77. Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1969. Esses estudos eram de responsabilidade do Prof. Petrone, que ao mesmo tempo, com seus alunos de graduação, já havia orientado outro sobre “O bairro de Pinheiros”, publicado em 1963, pela EDUSP, sob o título “Pinheiros, Estudo Geográfico de um Bairro Paulistano”.

Em 1965, nos salões da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sita à rua Maria Antonia, Pasquale Petrone defende a Livre Docência e inicia suas orientações para mestrado e doutorado, embora ainda os cursos de pós-graduação não houvessem sido institucionalizados, o que só aconteceria em 1973.

O Prof. Petrone teve um grande número de orientandos, em mestrado 27 e doutorando 22, num total de 49, abrangendo objetos de estudos geográficos dos mais diversos temas e de diferentes lugares do Brasil. Desses seus orientandos, 12 pessoas passaram a formar parte do seu projeto de pesquisa sobre a metrópole paulistana.

Sua Livre Docência rotulada “OS ALDEAMENTOS PAULISTAS E SUA FUNÇÃO NA VALORIZAÇÃO DA REGIÃO PAULISTANA” trabalho apresentado em dois volumes, analisa com rica apresentação documental, a organização do espaço das terras pertencentes aos indígenas que habitavam ao redor do núcleo formado pelo Colégio de São Paulo de Piratininga, origem da metrópole paulistana.

O primeiro volume apresenta no índice e na introdução todo o arcabouço teórico que serviria para interpretar esse longo e exaustivo trabalho de pesquisa. Após o título, já mencionado, o autor define que se trata de um estudo de GEOGRAFIA HISTÓRICA. e expõe a

importância da posição da cidade de São Paulo, dentro da Região Sudeste e no Planalto Paulista, para realizar a função de grande importância que teve e tem na realidade brasileira.

Assim, o índice, muito explicativo dos temas que serão tratados, após a introdução, entra na primeira parte que denominou O PLANALTO PAULISTANO E SUA FUNÇÃO NO POVOAMENTO. Dividida em dois capítulos, onde trata entre outros temas da “precocidade da presença européia no litoral paulista” que contem três subitens: a) Uma presença dentro do momento histórico particular; b) Um exemplo de colonização “pontual” e c) Da feitoria à tentativa de criação de uma colônia de exploração.”

O segundo capítulo desta primeira parte continua aprofundando a temática com o seguinte título: UMA EXCEÇÃO DENTRO DO PROCESSO DE EXPANSÃO COLONIAL NO MUNDO TROPICAL. Neste há cinco subitens denominados: a) Litoral e Planalto condições físicas particulares; b) Sentido continental do povoamento pré-cabralino no atual Estado de São Paulo; c) A atração exercida pelo interior sobre o povoador e o papel dos Campos de Piratininga; d) Os jesuítas e o planalto – Campos de Piratininga “viveiro de catecúmenos” - O planalto e as relações com o interior dentro das tendências jesuíticas e o último e) Núcleos de serra acima e as marinas e o problema das comunicações”. A síntese desta primeira parte está realizada a partir de mapas, desenhados pelo Prof. Petrone, onde o primeiro mostra como era uma aldeia através do exemplo da “Aldeia de Carapicuíba” a mais conservada até os dias atuais. O segundo mapa expõe o “Brasil do século XVI”, o terceiro “A posição de São Paulo dentro do atual território do Estado”, é um mapa geomorfológico com expressivos detalhes. O quarto é sobre o “Povoamento do Território Paulista no século XVI” e o quinto é “Capitania de São Paulo máxima expansão 1709”. Termina a primeira parte com uma extensa bibliografia de documentos primários correspondentes aos séculos tratados.

A segunda parte se titula INDIOS CATIVOS E INDIOS ADMINISTRADOS e se seguem os subitens: a) Alguns elementos sobre a origem do cativo: a feitoria pré-afonsina e o tráfico precoce de escravos indígenas - Aspectos das formas de povoamento dominante nos primórdios da colonização do planalto paulistano – Importância da vida rural – A propriedade agrícola quinhentista do planalto e suas características – agricultura e escravatura – Insegurança dos primeiros tempos – A escravatura como fator de segurança – A estrutura econômica do planalto e o comércio de escravos – A escravatura como instrumento para uma economia de mercado. b) Jesuítas e indígenas – Oposição de

interesses de colonos e dos jesuítas. c) O cativo do indígena e uma legislação demasiadamente mutável – Legislação fruto de interesses poderosos e contrastantes – Roteiro de uma legislação mutável – As guerras justas e o cativo à luz da legislação sobre os indígenas. d) Cativo sancionado por lei e cativo disfarçado – Soluções fruto de sofismas – Índios cativos e índios forros de servidão e índios sem obrigação – Índios administrados. e) Índios administrados – cativo e administração – Características e evolução da instituição da administração – Guerras justas e administração – Resgate e administração. f) Administração de índios e encomiendas - Encomiendas como solução espanhola e administração como solução portuguesa – Identidades e diferenças. Igualmente aos capítulos anteriores há uma impressionante bibliografia de documentos originais do período estudado.

A terceira parte leva o título de OS ALDEAMENTOS INDÍGENAS DE SÃO PAULO, e está desenvolvida em 15 subitens: a) Aldeias e aldeamentos uma distinção necessária. b) Origem dos aldeamentos – A origem e o processo de utilização do Planalto Paulistano – Aldeias pré-cabralinas e sua continuidade – A mobilidade indígena e a dificuldade de fixar os elementos de gênese nos aldeamentos – Aldeias de evolução precoce e aldeamentos clássicos – O papel dos jesuítas – Observações específicas relativas a cada aldeamento. c) Composição étnica dos indígenas aldeados – Os prováveis contingentes originais – As contribuições posteriores – Heterogeneidade étnica dos aldeamentos. d) Os sítios dos aldeamentos – Permanência dos tipos de sítios tradicionais indígenas – A instabilidade dos sítios como fruto da instabilidade da fixação dos aldeamentos – Tipos de sítios. e) Os aldeamentos e sua administração – Administração e responsabilidade do poder espiritual e administração da responsabilidade do poder temporal - a lei sobre a liberdade do gentio da terra, de 1611 – Os jesuítas como instrumentos de estabilidade da administração dos aldeamentos – o Regimento de 1698 – o Regimento de 1734 – Fazendas e aldeias jesuítas e aldeias do padroado real – O Diretório e ação de Morgado de Mateus – O plano de Rendon e suas conseqüências – Principais fatos da evolução da administração. f) A evolução dos aldeamentos – As principais fases e suas características de instabilidade - As tentativas de Morgado de Mateus – O ocaso dos aldeamentos e as tentativas de revitalização da primeira metade do século XIX. g) As funções dos aldeamentos – Aldeamentos como elementos da organização do espaço – Reservas de motores animados – Os aldeamentos a serviço de sua majestade e a serviço particular. h) A estrutura dos aldeamentos – Aldeias e a noção de

concentração – Aldeias do padroado e fazendas jesuítas: dispersão e concentração – Aldeamentos e bairros rurais – O núcleo central e seu significado – A Igreja e o largo – Arruamentos e casas. i) Aspectos demográficos dos aldeamentos – Dificuldades para avaliar os fatos relativos à população – Evolução quantitativa da população dos aldeamentos – A instabilidade da população aldeada - A população dos aldeamentos no primeiro quartel do setecentismo – Situação demográfica dos aldeamentos na passagem do século XVIII para o XIX. j) As principais atividades nos aldeamentos – Tendência inicial para a auto-suficiência – Importância das atividades agrícolas: plantas cultivadas, técnicas e sistemas, decadência – Fatores de decadência das atividades agrícolas – Criação de gado como atividade secundária – Outras atividades – Quadro das principais atividades de cada aldeamento no fim do século XVIII. k) O problema das terras nos aldeamentos – Origem das terras indígenas – Terras, intrusos e aforamentos – A quem pertenciam as terras? – Ação de Pedro Taques e suas conseqüências – O problema das terras de São Miguel e a ação do Conde de Sarzedas – Um processo de espoliação – A atividade de Morgado de Mateus – Espoliação consumada – Do alvorecer até meados do século XIX. l) O problema da subsistência do indígena aldeado – Da escravatura e da administração às reservas de motores animados – As fontes de subsistências – A obrigatoriedade do trabalho e o problema salário – Quanto recebia um indígena pelo seu trabalho? – Destino do salário do indígena. m) Quadros da vida diária nos aldeamentos – A vida nos aldeamentos no século XVIII – Uma população miserável – A casa, o vestuário e a alimentação – Velhos, viúvas e órfãos – A mobilidade da população e suas conseqüências – A vida de relações com o exterior – A educação – As festas – Consumo de aguardente, as desordens, incidentes e crimes – A justiça, as penas e castigos – As famílias e as mães solteiras – Aldeamentos como locais de extermínio – As fugas. n) Os aldeamentos e o povoamento do planalto – Papel dos aldeamentos no quinhentismo e no seiscentismo – As iniciativas do Morgado de Mateus – O atribulado inserimento dos aldeamentos no quadro político-administrativo. o) Um cinturão imerso no passado – O plano Rendon e o despovoamento dos aldeamentos – do cinturão de aldeamentos para o cinturão caipira – Os arredores primitivos do aglomerado paulistano – O isolamento e os sertões dos arredores de São Paulo – Do cinturão caipira para o cinturão verde e para o cinturão de especulação imobiliária.

CONCLUSÃO

Incluem-se nesta terceira parte vários mapas sintetizando o exposto no texto. Primeiramente encontramos um grande mapa intitulado “Região de São Paulo e Litoral de Santos. OS ALDEAMENTOS e o POVOAMENTO até fins do século XVII”, a seguir uma serie de mapas descrevendo a “MORFOLOGIA DO SITIO URBANO DE PINHEIROS”, varias cartas com o “SITIO DE SÃO MIGUEL”, “SITIO DA ALDEIA DE CARAPICUIBA”, “POSIÇÃO DA ALDEIA DE PERUIBE” e um desenho de seu próprio punho da “IGREJA DE SÃO MIGUEL”. Esta terceira parte possui também um número destacado de fotografias de sua autoria mostrando o que descreve. Todos os mapas e desenhos foram feitos pelo prof. Petrone. Aqui também apresenta uma extensa e rica bibliografia de documentos primários. Término do primeiro volume.

O segundo volume se inicia com a continuação da análise da terceira parte da tese, a qual continua a partir do subitem, h) A estrutura dos aldeamentos, etc. (segundo descrevemos acima). Já no começo apresenta uma planta da “Aldeia de Carapicuíba”, mostrando a organização territorial da mesma. Seguem-se vários perfis mostrando a “Aldeia de Pinheiros Evolução da População 1589 – 1802”; “Aldeia de Barueri Evolução da População 1612 – 1803”; “Aldeia da Escada Evolução da População Inicio do século XVII até 1817”; Aldeia de Embú Evolução da População 1689 – 1836”; “Aldeias de Padroado Real (S. Miguel, Pinheiros, Barueri e Guarulhos) Evolução da População 1589 – 1799”; Aldeamentos Paulistas Evolução da População 1589 – 1788”. Alem desse farto e expressivo material interpretativo sobre a população dos aldeamentos, traz ainda um número grande de pirâmides de população por sexo e idade.

Finalmente termina esta rica e importante tese de Livre Docência com um mapa síntese sobre “O “Cinturão Caipira” de São Paulo e os Aldeamentos – Século XIX” onde mostra a situação existente em cada núcleo que o autor analisou ao longo de 315 páginas nos dois volumes. Não podemos deixar de destacar a importância desse trabalho sob todos os pontos de vista: desde o desenvolvimento da concepção teórico-metodológica, as profundas análise que faz de cada processo histórico-geográfico, até bibliografia muito farta de documentos históricos primários e geográficos principalmente, assim como de outras ciências, sociologia

e antropologia. Destaca-se a admirável capacidade de elaborar o material cartográfico, ilustrativo e fotográfico com os quais realiza as síntese de cada item de seu trabalho.

Mas ante mais nada, porém o Prof. Petrone expõe sua concepção teórica na materialização da sua tese afirmando que “O mundo caipira dos arredores de São Paulo praticamente já se está tornando um fato do passado. Com seu incomum crescimento nos últimos 25 anos a cidade de São Paulo incorporou núcleos mais próximos, inclusive antigos aldeamentos, a exemplo de Pinheiros e São Miguel ou então estimulou o crescimento dos demais, de forma a transformá-los não raro radicalmente.”(PETRONE, P: 1964: 296) Menciona a seguir que o cinturão caipira até seus sertões, já haviam sido penetrados por um outro processo que ele denomina pioneiro, o de ser o espaço urbano paulistano. Algumas dessas áreas, dos antigos aldeamentos, por exemplo Pinheiros, já estavam totalmente urbanizadas, transformando-se no palco de um dinâmico “Cinturão de Especulação Imobiliária”.

Esse cinturão estava sendo campo de exploração das imobiliárias através da abertura de bairros de operários, subúrbios residenciais de luxo, zonas industriais, de recreação, onde se multiplicaram os sítios e chácaras de fim de semana. “Paralelamente, primeiro por iniciativa de portugueses e italianos, em seguida e em grande escala, de japoneses, definiu-se um cinturão verde abastecedor da metrópole em produtos perecíveis, organizado em função de atividades basicamente horti-frutigranjeiras empregando técnicas e sistemas de valorização dos solos cansados da área, possibilitadas pela aplicação de capitais relativamente elevados, compensados pela rentabilidade da atividade em fase à vizinhança do importante mercado representado pela aglomeração paulistana.” (op.cit: p 297)

Com essa base teórico-metodológica e fruto de sua larga experiência o Prof.Pasquale Petrone inicia sua tarefa de orientador de mestrados e teses de doutorado, privilegiando os estudos que se realizarem nesse cinturão de antigos aldeamentos onde ocorriam serias e importantes transformações.

Os antigos aldeamentos foram Guarulhos, São Miguel, Itaquaquetuba, Pinheiros, Itapeperica, Embu, Carapicuíba e Barueri. Estes pequenos núcleos eram de dois tipos, as aldeias de padroado real, (Pinheiros, Guarulhos, São Miguel e Barueri) e os aldeamentos das fazendas jesuíticas, (Itapeperica, Embu, Itaquaquetuba e Carapicuíba). O que as distinguem foram suas condições administrativas e as características fundiárias. Terras cultivadas por iniciativas dos jesuítas constituíram-se no que Petrone denominou um “verdadeiro cinturão em torno de São Paulo” (LANGENBUCH. 1971:14)

Da análise que realizaremos sobre as pesquisas dos seus orientandos, tomaremos como base em primeiro lugar a tese de doutorado de Juergen Richard Langenbuch com o título de “A Estruturação da Grande São Paulo”. Defendida em 1968, cuja temática o autor desenvolve em cinco capítulos além da introdução. Nessa, apresenta sua base teórica para sustentar a formação da metrópole paulistana, baseada em critérios dos autores franceses como Max Sorre em “Les fondements de la Géographie Humaine”, (Tomo III (Colin, Paris, 1952) e Pierre Lavedan em “Géographie des Villes” (Gallimard, Paris, 1959)

- ✓ Enumera a sua *preocupação com o conceito de Metrópole e começa destacando a importância da **expansão*** da cidade que pode ser por aglutinação absorvendo antigos núcleos preexistentes ou por desdobramentos “que produz uma proliferação de pequenos núcleos fora da cidade propriamente dita”.
- ✓ No segundo item analisa a **estrutura funcional interna**, assinalando a diversidade de funções que caracterizam as metrópoles tais como “zonas de deterioração moral e material”, áreas de especialização comercial e polarização secundária de comércios também próprias das metrópoles.
- ✓ **Dicotomia** entre a cidade no conceito político-administrativo e “cidade no sentido “geográfico do termo”. Critério que se sustenta no crescimento rápido da população que estava em pleno período de imigração para São Paulo no tempo de seus estudos.
- ✓ **Limites externos imprecisos**, determinados pela própria expansão da área edificada e por loteamentos ainda não ocupados ou de pouca ocupação. “A área de edificação continua se vê circundada por uma constelação de pequenos ou grandes fragmentos de área edificada”.
- ✓ Os arredores não urbanizados da metrópole vem-se estruturados **pela e para** a metrópole. Finaliza a introdução mencionando a metodologia e as técnicas do método geográfico de sua formação intelectual. (Introdução: p.1-7)

Ao entrar já no conteúdo do livro no primeiro capítulo que rotulou de “Os arredores Paulistanos a Meados do Século XIX”, faz um análise do processo de organização espacial desses bairros rurais que estão circundando o município de São Paulo, as atividades agropecuárias, os caminhos de tropas e a circulação decorrente, os aglomerados e suas reduzidas dimensões, as condições existentes dos ex aldeamentos, e a dinâmica demográfica do período. Neste capítulo há uma rica procura de informações nos viajantes que percorreram a área.

No segundo capítulo denominado “A Evolução Metropolitana nos Arredores Paulistanos (1895-1915). Langenbuch desenvolve o crescimento da cidade no período de 1875 a 1890, no espaço denominado por Pierre Monbeig da “cidade dos Fazendeiros”. Está preocupado também com a localização das ferrovias e o sistema de circulação determinado por elas. Os núcleos urbanos emergentes assim como os aglomerados que ficaram fora da estruturação dos trilhos em especial: Itapeperica e Embu. Aqui ele alonga-se na descrição do denominado por Petrone de “Cinturão Caipira” e o autor inclui o papel da ferrovia. Analisa também a existência de equipamentos hidráulicos e hidroelétricos. Termina o capítulo igualmente com a dinâmica demográfica do período.

O terceiro momento no processo estudado por Langenbuch que denomina de capítulo 3 é o “Período de 1915 a 1940: O Início da Metropolização”. Neste capítulo o autor faz uma descrição profunda sobre o que denomina “A expansão propriamente urbana de São Paulo”, a formação de uma área suburbana com a intensificação dos loteamentos; a ferrovia continua a organizar o espaço com a formação dos subúrbios residenciais, os “os povoados-estação” frente aos “subúrbios-estação”. Analisa as ferrovias e a localização industrial, os começos da circulação rodoviária, o desenvolvimento rural dos arredores paulistanos e também a dinâmica demográfica do período.

O quarto capítulo é dedicado a que denominou: “A partir de 1940: a Grande Metropolização recente”. Este é o capítulo principal do trabalho, já há marcas espaciais importantes dos processos de metropolização segundo os critérios já mencionados na sua base teórica. Começa com a compactação da cidade; o desenvolvimento suburbano no domínio das ferrovias; o desenvolvimento suburbano apoiado na circulação rodoviária; o papel da “auto estrada” na metropolização dos arredores paulistanos; novas formas de desenvolvimento suburbano ou periurbano; o crescimento dos núcleos suburbanos. Fusões e absorções. As áreas rurais sobreviventes; as cidades satélites em fim termina este capítulo, também analisando a dinâmica demográfica através dos censos.

O quinto e última capítulo “Estrutura Atual da Grande São Paulo”. Aqui neste capítulo o autor desenvolve suas próprias denominações dos fatos observados e elenca uma tipologia produto de suas pesquisas. Assim temos “Os subúrbios de cunho urbano”; “Os subúrbios rurais”; A disposição geográfica dos subúrbios. “Zonas de Urbanização”. As relações intrametropolitanas, as migrações pendulares, a “zonas de integração” e finalmente traça a “delimitação da Grande São Paulo”.

As conclusões que o autor arrola segundo as sínteses parciais que define ao final de cada capítulo, vão assinalando as diferenças e as particularidades da Grande São Paulo. Assim entre as mais destacadas podemos citar: “A grande São Paulo apresenta estrutura nitidamente rádioconcêntrica e constitui um organismo metropolitano altamente centralizado em torno da cidade de São Paulo” (p:333). A segunda das considerações menciona a diferença do processo de urbanização nos vários subúrbios não só no grau de concentração urbana como na intensidade das relações com a cidade principal (São Paulo). Considera também os tipos de habitantes que residem nessas áreas periféricas, que ainda as denominávamos de “subúrbios”. Há uma população predominante de classes operárias e medias.

O autor cria uma nova denominação para os antigos “cinturões caipira” e “verde”, tomadas do trabalho original do seu orientador, Prof. Petrone, e o denomina de “cinturão suburbano periférico”. A partir dos anos de 1960 com a ocupação intensiva das áreas dos arredores da cidade o termo periferia começa a ter novos significados. Não mais como área ao redor de um centro, porém com um conteúdo sociológico: os lugares onde a modernidade da cidade central não tinha chegado.

Continua analisando os tipos de aglutinação surgido na formação da metrópole, primeiramente através das ferrovias e a partir de 1940, seguindo os traços das rodovias e auto-estradas.

Embora na apresentação de estes capítulos tenham sido respeitadas as denominações do autor, freqüentemente fizemos uma síntese da temática referida ao título original do capítulo.

Nos trabalhos que arrolamos a continuação tem como substrato teórico-metodológico estes dois livros básicos: o do orientador Prof. Dr. Pasquale Petrone sobre os “Aldeamentos Paulistas e sua Função na Valorização da Região Paulistana” e o do Prof. Dr. Juergen Richard Langenbuch que acabamos de analisar.

Em 1969, defendeu o mestrado o Prof. Manoel Fernando Seabra sob o título “Vargem Grande: organização e transformação de uma parte do cinturão verde paulistano”. Este autor iniciou seu trabalho localizando Vargem Grande entre 40 a 60 km de São Paulo, num dos eixos mais antigos de comunicação de São Paulo com Sorocaba e o Sul do País, a Rodovia Raposo Tavares. Para compreender o uso do solo desse lugar cita Petrone em Aldeamentos Paulistas: “Mas a metrópole paulistana não repercute sobre a organização do

espaço econômico em Vargem Grande apenas como principal mercado consumidor dos produtos de sua atividade horti-fruti-granjeira. Esta nos parece, dentro do tempo, a primeira função de importância da cidade, no decorrer do seu processo de metropolização, organiza o espaço imediato ao seu redor, num dinamismo atual mais evidente, se somam hoje às atividades horti-fruti-granjeiras, disputando o espaço nesta parcela do “cinturão verde” e apagando praticamente os vestígios organizados daquilo que Pasquale Petrone denominou do “cinturão caipira” de São Paulo.” (Seabra, M: op. Cit. P.2) A seguir menciona a tese de Langenbuch, “A Estruturação da Grande São Paulo” e afirma: que “este autor e outros que tem estudado a metropolização de São Paulo tem procurado mostrar que os aglomerados e agricultores caipiras dispersos pelos arredores de São Paulo mantinham relações até certo ponto significativas com a cidade, desempenhando papel de certo modo importante no seu abastecimento em gêneros alimentícios, lenha e carvão, principalmente”. (p. 2)

Com um amplo conhecimento da área de Vargem Grande o Prof. Seabra discorreu sobre as transformações do antigo cinturão caipira e a implantação de um cinturão verde com a forte presença da imigração japonesa no lugar. Os nipônicos chegam a Cotia e Vargem Grande a partir de 1920 e introduziram cultivos comerciais de grande demanda na cidade de São Paulo. Seabra expõe as condições físicas, o relevo, o solo e o clima, que permitiram não só a diversificação da produção como a formação da Cooperativa Agrícola de Cotia. Esta teve um importante papel na introdução de novos imigrantes, e na formação de bairros rurais com a introdução de novos produtos, e a comercialização desses, nas metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro como ao Brasil todo. Assim o trabalho está composto de duas partes após a introdução. Na primeira parte trata “ OS COOPERADOS DA C.A.C. E SUAS ATIVIDADES NO COMEÇO DA DÉCADA DE 60”. Neste grande capítulo, expõe em 5 itens sobre a) Distribuição, origem e condição dos cooperados perante as unidades de exploração e suas atividades principais; b) A área das unidades de exploração; c) O uso da terra; d) O patrimônio dos responsáveis pelas unidades de exploração; e) A população e seus característicos.

Na segunda parte trata ‘AS MUDANÇAS NAS FORMAS DE USO DA TERRA EM VARGEM GRANDE NO SÉCULO XX”.

- ✓ Começo do século XX – Vargem Grande uma parcela do “cinturão caipira” de São Paulo.
- ✓ A organização da comunidade japonesa em Vargem Grande: a implantação e a evolução das atividades horti-fruti-granjeiras

- ✓ A organização das comunidades japonesas nos arredores de São Paulo e em particular no Moinho Velho (M. de Cotia) e em Vargem Grande
 - ✓ A evolução das atividades horti-fruti-granjeiras no “bairro” de Vargem Grande
 - ✓ A participação dos “brasileiros da área”
- ✓ A penetração da especulação imobiliária

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prof. Seabra tinha uma boa formação teórica na área da Geografia Econômica que se manifesta na interpretação realizada no mestrado e no doutoramento.

Amalia Inés Geraiges de Lemos defendeu o mestrado em 1972 sob o título “Cotia e sua participação no conjunto da faixa periférica da Metrópole de São Paulo”. Esta pesquisa se desenvolveu em um tempo que permitiu participar de dois momentos do espaço de Cotia. O contato com o campo iniciou-se entre 1965-66 sendo posteriormente retomado entre 1969 e a defesa na data já mencionada. Nesse lapso de tempo o centro urbano da cidade objeto de nosso interesse, havia mudado radicalmente. Como dissemos na introdução “com o crescimento da metrópole nos últimos tempos, velhas vilas vizinhas, mal chamadas “cidades” que dormiam o peso da história, sem ter nenhuma força econômica que as revitalizasse, despertaram para girar em função daquelas e para aquelas”. Desenvolve-se o trabalho procurando mostrar o dinamismo que apresentava o município. Como o exigia a formação metodológica da geografia clássica, iniciamos o primeiro capítulo rotulado de FISIONOMIA URBANA. Nele analisamos as paisagens a partir de “Geomorfologia do sítio de Cotia: muito acidentada. O sítio de Cotia: desfavorável e mudando pela posição. Estrutura: desordenada e caótica. O plano de Cotia: de forma linear e em células. Uso do solo: em função da cidade de São Paulo”. Para conseguir o objetivo de este capítulo foi a partir da realização de leituras da bibliografia pertinente assim como a realização do “over lays” de interpretação da fotografia aérea da região, que nos permitiu confeccionar a carta geomorfológica e de uso do solo, o perfil do relevo e outros mapas e cartas, assim como varias fotografias com as quais se fez a síntese do capítulo.

Após descrever o terreno, significando o palco onde atuará a sociedade, inicia-se o segundo capítulo sob o título de EVOLUÇÃO HISTÓRICA. “Evolução histórica: ligada e determinada pela vizinhança de São Paulo. Fundação até o apogeu cotiano. Decadência.

Rejuvenescimento”. Este capítulo foi redigido com uma extensa busca bibliográfica de documentos históricos, geográficos, demográficos, recenseamentos do IBGE e mapas das diferentes épocas do processo que desejávamos explicar. Assim a pesquisa se estendeu a partir dos conceitos de sesmarias e da fundação, desde 1640 ou 1670, data da construção da capela que testemunhou a existência de um povoado, até o censo de 1970. A partir dos dados de todos os recenseamentos pré existentes mostramos o dinamismo do rejuvenescimento.

O terceiro capítulo titulado: POPULAÇÃO DE COTIA: começa com uma introdução e logo a seguir passamos para a análise detalhada da população. “População urbana, origem e movimento. Composição: por sexo e por idade. Composição profissional. Grau de instrução. Renda familiar: equipamento doméstico. Aspirações da população.” Este capítulo teve como base a pesquisa empírica realizada nos diferentes bairros de Cotia. Foram aplicados 308 questionários domiciliares que abrangeu 1717 pessoas, quase 10% do total da população urbana, segundo o censo de 1970. Desse trabalho empírico foram organizadas varias cartas pertinentes as exigências da temática. Também foram feitas diversas fotos como expressão da síntese do capítulo.

O quarto capítulo FUNÇÕES URBANAS DE COTIA. “Função administrativa. Função escolar. Os serviços sanitários: seu raio de ação. A circulação como expressão de centralidade. Função econômica-financeira. Função comercial. Função industrial.” Este capítulo como o anterior tiveram base no trabalho de campo tanto na aplicação dos questionários como nas entrevistas realizadas na prefeitura, as industrias, ao comercio, aos bancos, etc.

O último capítulo, número V, rotulado de COTIA EM RELAÇÃO À METRÓPOLE, procuramos mostrar como a cidade de São Paulo ocupava os espaços do município que sempre existiram em função dela. Desde as suas origens nas sesmarias que foram ocupadas por paulistas até o termo de nossa pesquisa em 1972, nessa época verificou-se a localização de varias industrias, os bairros de operários assim como equipamentos de lazer e outras atividades. No final concluímos afirmando que o “grau de metropolização” que sofria Cotia, podia ser comparado a outros municípios de Grande São Paulo e era determinado na medida que se intensificavam as relações de cada um deles com a capital. Assim, através de uma ampla bibliografia consultada e dos trabalhos de campo realizados, definimos que Cotia estava num grau intermediário entre Guarulhos e Osasco, mais industrializados, porem sem abandonar completamente suas atividades agrícolas como suas congêneres Itapeverica da

Serra e Embu. Por outro lado a sua função de “subúrbio dormitório” era menos intenso que em Barueri ou Carapicuíba, só atingindo um pessoal numericamente menos expressivo já que eram os mais qualificados. Por outra parte, seu papel nas funções recreativas se expressava nos fins de semanas, nas chácaras e sítios, nos clubes de campo, nos “camping”, abrigos e restaurantes de beira de estrada. A especulação imobiliária estendia seus tentáculos. Finalmente, esse mestrado hoje nos mostra formas e conteúdos de paisagens de outro tempo-espaço histórico.

Maria Niedja Leite de Oliveira realizou seu mestrado sob o tema “Embu e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana”, em 1973.

A autora iniciou dizendo ser de “pretensões modestas, uma área amostra, mas se espera que seja uma contribuição ao estudo dos arredores paulistanos, que se tornará mais expressiva à medida em que outros trabalhos da mesma natureza se somem a ela, a exemplo do de Cotia e outros em andamento”. Após descrever a localização de Embu como parte integrante da Região da Grande São Paulo, no sudoeste da capital paulistana, à margem da rodovia Regis Bittencourt, que liga São Paulo ao sul do país, mostra-nos o processo histórico que levou o município a se integrar com maior intensidade à metrópole tardiamente, após a construção da rodovia. A margem da circulação ferroviária desde fins do século XIX, o município teve um aumento de atividades com a chegada da imigração japonesa na área rural, mudando de uma agricultura de subsistência, do chamado “cinturão caipira”, para uma agricultura de mercado, fazendo parte do “Cinturão verde de São Paulo”. Com a chegada da rodovia, antes mencionada, novas atividades se produzem no espaço de Embu: as indústrias e em especial o turismo de fim de semana, para além de sua arquitetura, artesanato e outras testemunhas do seu tempo de aldeamento.

Assim transcrevemos o índice do mestrado que nos permite perceber as transformações da organização do espaço de Embu em seus diversos capítulos. Após a Introdução arrolam-se os quatro capítulos a seguir:

✓ **A POPULAÇÃO DE EMBU: COMPOSIÇÃO E DINAMISMO**

- ✓ Embu, modesto núcleo da Grande São Paulo
- ✓ Distribuição da população rural e urbana
- ✓ População por sexo, idade e grau de instrução
- ✓ Origem da população
- ✓ As atividades

- ✓ Condições sócio-econômicas
- ✓ **A VIDA DE RELAÇÕES**
 - ✓ As Funções Urbana
 - ✓ função turística
 - ✓ função industrial
 - ✓ função comercial
 - ✓ função de prestação de serviços
 - ✓ função administrativa
 - ✓ A dependência de Embu em relação a outras áreas:
 - ✓ absorção da mão de obra
 - ✓ suprimento de mercadorias e matéria-prima
 - ✓ prestação de serviços e comércio
 - ✓ Os deslocamentos decorrentes da vida de relações
- ✓ **A CIDADE**
 - ✓ Posição
 - ✓ Sítio
 - ✓ Organização do espaço urbano
 - ✓ Serviços de urbanização e saneamento
- ✓ **A EVOLUÇÃO E OS PROCESSOS RECENTES DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO**
 - ✓ Origem
 - ✓ Embu e o “cinturão dos aldeamentos”
 - ✓ Embu e o “cinturão caipira”
 - ✓ Embu e o “cinturão verde”
 - ✓ As olarias e portos de areia
 - ✓ Embu e o “cinturão de especulação imobiliária

OBSERVAÇÕES FINAIS

A autora nos informa que todos estes capítulos foram explicados interessando os efeitos que os processos de metropolização estavam ocorrendo no espaço urbano do município. Citamos sua expressão final: “Com este estudo esperamos contribuir não só a melhor compreensão da periferia metropolitana em seu relacionamento com a área central, somada

aos outros trabalhos já existentes de mesma preocupação...” o que significava no momento uma maior interpretação da urbanização brasileira.

Tercia Correia Cavalcante, em 1978 trabalhou o tema “Barueri e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole Paulistana”. Iniciou a dissertação afirmando: “O presente trabalho faz parte de um programa de pesquisa do Prof. Dr. Pasquale Petrone, nosso orientador, cuja preocupação consiste na compreensão da organização da periferia da metrópole paulistana” e continua num outro parágrafo, que para tal fim “o ponto de partida é o estudo de várias áreas da Região Administrativa da Grande São Paulo”.

Seguimos citando Cavalcante: “Este programa de pesquisa, iniciado em 1970, conta com algumas dissertações de mestrado já apresentadas como é o caso de Cotia, Embu, Santana de Parnaíba; outra em etapa final, a exemplo de Salesópolis e uma outra em fase inicial, como é o caso de Caieiras. Inclui-se ainda nesta relação um outro trabalho que embora não pertença a Região da Grande São Paulo, segue a mesma orientação dos trabalhos mencionados. Trata-se de Nazaré Paulista, integrante da Região de Campinas, também já apresentado”. Uma ressalva ao exposto pela autora, este último trabalho também pertence a metrópole paulistana e a de Campinas, embora nesse momento descrito, ainda a participação da ação de São Paulo era muito pequena. Hoje todos estes lugares, incluindo Campinas e outras cidades vizinhas, pertencem a macro região da metrópole paulistana. Autora em pé de página, cita os autores dos trabalhos mencionados. Embora a autora esclareça que o projeto de pesquisa do professor Petrone se inicia em 1970, na primeira parte deste artigo demonstramos que a iniciativa é muito anterior a essa data.

Após descrever a escolha do objeto, o passo seguinte exigido pelo método da Geografia Clássica, era mostrar a localização, assim: “...o Município de Barueri faz parte da Sub-Região Noroeste da Grande São Paulo, e encontra-se servido por importantes meios de circulação, que permitem o relacionamento com a metrópole: a E.F. Sorocabana, a antiga estrada de Itu ou rodovia Marechal Rondon, e a rodovia Castelo Branco, distando respectivamente, através de cada uma delas, 27, 30 e 28 km do centro de São Paulo”. (op.cit. p. 3) Cavalcante faz um processo histórico do crescimento do núcleo de Barueri, dizendo que suas origens se remontam a um pequeno grupo de casas e pequenos comércios junto ao caminho de Itu, que servia para atender as necessidades locais e de moradores e viajantes de Santana de Parnaíba. Após a implantação da E.F. Sorocabana, e até finais dos anos de 1940 não passava de um “povoado-estação”, usando a denominação proposta por Langenbuch, que fizera a

cidade e dos municípios vizinhos suprir a função de “dormitório” por ser a residência da mão de obra da metrópole. Sua inserção nos processos de metropolização, começaram a acontecer após o intenso dinamismo da especulação imobiliária, entre os anos de 1950 a 1970.

“Em virtude de o estudo envolver um problema um problema de dinâmica de organização, julgou-se conveniente analisar, inicialmente, o núcleo urbano no presente para, a partir de então abordar os processos de mudança que contribuíram para a definição da realidade existente”. (op.cit. p. 7) Este ponto de partida observaremos a partir do índice proposto:

INTRODUÇÃO

A POPULAÇÃO

O Crescimento Demográfico Recente de Barueri

A Composição

AS FUNÇÕES URBANAS

Função industrial

Função Comercial

Função de Prestação de Serviços

Barueri como Mercado de Trabalho

BARUERI NÚCLEO “DORMITÓRIO”

Em relação ao Local de Trabalho

Em relação ao Local de Abastecimento e Serviços

Os Deslocamentos Pendulares

O Papel Desempenhado pelos Trens de Subúrbio

AS MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A Origem do Núcleo e o Processo de Mudança

A Organização do Espaço e o Sítio Urbano

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autora termina o trabalho afirmando que é uma tentativa a mais de interpretar a formação da periferia metropolitana, fatos que estavam acontecendo nesses momentos: loteamentos legais e ilegais (os mais frequentes) para permitir a moradia, sob a forma de autoconstrução que deram origem ao conteúdo sociológico do termo periferia.

Cleonice Alexandre Le Bourlegat defendeu em 1978 “Cidade de Salesópolis e suas relações com a metrópole paulistana”. A pesquisadora iniciou citando Etienne Julliard sobre o crescimento das metrópoles, não só na Europa, com diferenças de tempo, e a comparação com São Paulo e outras cidades no chamado Terceiro Mundo, sendo o que ele denomina da forma em “mancha de óleo”. Le Bourlegat continua sua introdução mencionando Langenbuch que caracteriza o crescimento de São Paulo como de uma “estrutura radiocêntrica, repousada nas vias de circulação e com uma alta centralização em torno da cidade de São Paulo.”(p.6) Continua justificando a escolha do tema expressando “O melhor conhecimento da periferia paulistana também se tornou, desde o início da década de 1970, um dos interesses do Laboratório de Geografia Humana, do Instituto de Geografia da USP, na tentativa de melhor percepção dos seus diferentes níveis de participação nos processos metropolitanos”. Voltamos a destacar aqui a presença do Prof. Petrone como diretor e orientador de Pesquisa. Continua a autora “ O órgão, que tem atuado como auxiliar na orientação à pesquisa dos alunos de pós-graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma Universidade, tem estado presente até o momento, na coordenação, programação e apoio a vários trabalhos de pesquisa dessa natureza”. A seguir enumerou os trabalhos já defendidos sobre a periferia da Cidade de São Paulo: “a exemplo de Cotia, Embu, Santana de Parnaíba, Nazaré Paulista, já concluídos, ou Barueri, Jandira e Caieiras, em fase de conclusão, com o caráter de “áreas amostras”...” (p.7)

A Dra. Le Bouledegat justificou que em 1971, escolheu Salesópolis como objeto do seu mestrado por ser como os pequenos núcleos urbanos já mencionados, integrantes de uma periferia mais distantes, pré existente aos sistemas ferroviários e rodoviários, tendo ficado a margem destes e nesse momento, ainda apresentavam de uma forte presença rural. Citando Petrone, (1964), “novamente se refere aos pequenos núcleos isolados pertencentes à periferia paulistana, que ainda conservam características nitidamente “caipiras”, os quais colocam-se como pertencentes ao “cinturão caipira” de São Paulo, que desde um século vem marcando a paisagem cultural dos arredores paulistanos”. Continua a autora “Atualmente, o cinturão caipira tem se tornado àrea pioneira do espaço urbano”, (p.8) “mais naturalmente sua presença vê-se preservada melhor nas áreas que permaneceram até recentemente, ou ainda permanecem relativamente isoladas”. (Petrone, P: op.cit. p?) A autora reafirma sua preocupação dizendo: “Procuramos enfocar portanto, uma parcela dos

arredores paulistanos que fosse dotada dessas características e estaria sofrendo algum processo de interferência da área metropolitana, que tipos de processos e, como, em face das características que apresentem, estaria se comportando perante as modificações que porventura existam, resultantes da presença de São Paulo”. Salesópolis situa a 81 km da Capital em linha reta e a 96 km por rodovias, pertencente administrativamente à Grande São Paulo, junto às nascentes do Rio Tietê, apresentava uma paisagem já definida. Fora das linhas de circulação tanto da ferrovia Central do Brasil, como da via Dutra, e do circuito ferroviário Santos-Jundiaí e da via Anchieta, suas relações com São Paulo eram feitas com os eixos que a comunicam com Mogi das Cruzes. Assim, concluímos que o trabalho de Cleonice procurou demonstrar as transformações que esse resto do cinturão caipira estava enfrentando nesse momento do seu estudo.

Em 1982 Eduardo Pazera Junior, apresentou seu trabalho sobre “Caieiras: um município da faixa periférica da metrópole paulistana”. Justificou a escolha por querer analisar um município sobre o qual não houvesse nenhum trabalho a respeito de sua realidade, além de ser o lugar de sua infância, portanto, ligado por vínculos afetivos. Após arrolar todos os estudos realizados sobre a área suburbana de São Paulo, iniciando sua descrição pelo trabalho de Aroldo de Azevedo “Subúrbios Orientais de São Paulo”, da década de 1940, até os que eram contemporâneos a esse, sob a orientação de Pasquale Petrone, destaca o trabalho de J. Langenbuch afirmando ser a “obra que mais nos despertou o interesse e que forneceu importantes subsídios para o nosso trabalho”. (p. 9)

Explicou que o seu objeto de estudo era o município de Caieiras, segundo a definição política-administrativa, a fim de considerar os dados estatísticos necessários além de outras situações exigidas pela concepção teórica- metodológica optada. Fez questão de enfatizar a escolha de Caieiras, não de forma isolada, porém como “um dos setores da faixa periférica paulistana”. Continuou definindo o que significava esse conceito dizendo: “O estudo da participação de Caieiras na faixa periférica paulistana, tomou como um dos elementos de base a investigação da “vida de relações” da população caieirense”. Prosseguiu o autor que citamos “Essa vida de relações, que se expressa geograficamente pelas vinculações da atividade humana no espaço, constitui o cerne da pesquisa; o espaço no caso é o espaço geográfico”. Tomou como conceito de espaço geográfico, o expresso por Dollfus, no livro com o mesmo título, afirmando que nesse espaço, a paisagem seria o elemento visível e perceptível, o qual será uma das suas categorias de análise.

Como este trabalho de Pazera foi realizado nos finais dos anos de 1970 (defendido em 1982) já apresentou, na introdução, as mudanças metodológicas que se estavam realizando no Departamento de Geografia da USP, citando uma serie de autores das mais diversas concepções e as crises de visões dos enfoques teóricos resultantes e finalizou afirmando “Foi com o espírito aberto e com a mais ampla liberdade, que nos propusemos investigar Caieiras, sem idéias cristalizadas que constituíssem uma visão apriorística. Trabalhamos por uma via empírica indutiva. Procuramos acumular fatos e experiências para, posteriormente, examinar as analogias e procurar estabelecer generalizações...” porém decide-se por citar dois autores franceses clássicos da Geografia Urbana: Jaqueline Beaujeu-Garnier e Pierre George.

No seguinte Sumário podemos avaliar o analisado.

- ✓ COMO E PORQUE CAIEIRAS
- ✓ O QUE É CAIEIRAS (Algumas características do espaço)
 - ✓ A posição e o sítio
 - ✓ Os setores do habitat
- ✓ A EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO
 - ✓ 3.1 Dos primórdios aos meados do século XIX
 - ✓ 3.2 1875 – 1915
 - ✓ 3.3 1915 – 1940
 - ✓ 3.4 1940 – 1960
 - ✓ 3.5 Depois de 1960
- ✓ TRAÇOS RELEVANTES DA DEMOGRAFIA CAIEIRENSE
 - ✓ O efetivo
 - ✓ A população e o domicílio
 - ✓ A composição por idade e sexo
 - ✓ O Crescimento
 - ✓ As migrações
 - ✓ O grau de instrução
 - ✓ Disponibilidade de bens de consumo duráveis
 - ✓ A renda
- ✓ OS MORADORES E A VIDA DE RELAÇÕES

- ✓ O trabalho
- ✓ O locais do culto
- ✓ lazer
- ✓ Aquisição de bens e acesso aos serviços
- ✓ Os transportes e a vida de relações
- ✓ CONCLUSAO
 - ✓ Os problemas
 - ✓ Considerações finais

BIBLIOGRAFIA CITADA

Todos estes trabalhos de mestrado analisados até este momento, tem em sua composição, uma extensa e expressiva cartografia, constituída de mapas, cartas, perfis e gráficos correspondente à temática, assim como uma farta relação de fotografias mostrando as paisagens e seus componentes exigidos pelas opções metodológicas da Geografia Clássica com sua visão historicista, que nos nutriu ao longo dos anos de 1960 e até os inícios de 1980. Geografia Clássica esta de forte cunho francesa e muito alimentada pelo regime militar em que vivíamos.

Apresentamos um último trabalho, este de doutorado que o Prof. Petrone continuou orientando sobre as transformações que estavam acontecendo no antigo “cinturão caipira” da metrópole, agora em relação a Região Leste da cidade capital. Referimos-nos ao doutorado defendido em 1980 por Amalia Inés Geraiges de Lemos, autora destas linhas, sob o título de “Um Exemplo de Processo de Metropolização Recente Na Periferia da Grande São Paulo: O Município de Itaquaquecetuba”. A partir do pressuposto de que em Geografia não existem coisas simples, é muito menos quando se trata de elucidar a cidade, apoiada em leituras dos textos de Max Sorre, procuramos chegar a compreender a aglomeração maior rotulada de metrópole. Um conjunto de relações incluem-se no arcabouço conceitual para interpretar essa situação, no dizer de Pierre George, entre as quais destacamos: cidade-subúrbio, cidade-campo, núcleo-periferia, etc. para tentar chegar ao cerne do problema que explique os motivos que levam milhões de pessoas a viver nas regiões metropolitanas. Isso ocorre porque apesar de adjetivos negativos como mal estar, ansiedade, alienação,

frustrações e outros males, os homens continuavam a ir cada vez a morar na cidade. O campo era abandonado como lugar de pobre, limitado, sem perspectivas, enquanto que a cidade era vista como uma nova descoberta da vida, como o paraíso onde seriam solucionados todos os problemas, o centro do consumo no mundo capitalista. Enfim, toda a propaganda e as informações que elogiavam as cidades grandes, em especial a partir do período de 1950 até 1980 para encantar a mão de obra que o sistema econômico necessitava. Os imigrantes, que chegavam em números exagerados, não imaginavam que, quando chegassem a cidade, a vida, seria, também, cortiço, favela, bairros de autoconstrução sem nenhuma classe de serviços e infra-estrutura.

Nossa idéia era sentir na região leste, o que já havíamos vivenciado nas pesquisas realizadas nas outras áreas da cidade: Cotia, Embu, Barueri, Santana de Parnaíba nos quais estivemos participando das investigações realizadas.

No final dos anos de 1970, tomamos conhecimentos de concepções teóricas das Ciências Sociais em geral e da Geografia em particular que nos levaram a tentar analisar com outras premissas aquele novo objeto de nosso interesse. Os livros de Manuel Castels (Problemas de Investigação Urbana e a Questão Urbana) haviam sido editados nessa época motivando ainda mais o nosso interesse. Castells afirmava que nos países em subdesenvolvimento não existiam as metrópoles porque o sistema produtivo não sustentava a mão de obra existente nas cidades. Então a nossa curiosidade foi ainda mais incentivada e assim passamos a demonstrar que São Paulo era já nesse momento (1980) uma verdadeira metrópole. A partir do sumário que segue poderemos tentar compreender o antigo “cinturão caipira”, o menos antigo “cinturão verde”, como estava sendo convertido no campo de ação da luta, dos conflitos entre o capital e o trabalho.

INTRODUÇÃO

✓ CAPITULO I.- ITAQUAQUECETUBA INTEGRADA NA GRANDE SÃO PAULO

- ✓ Aspectos Estruturais da Integração
- ✓ Aspectos Funcionais da Integração
- ✓ Aspectos Conservadores em Desintegração Local

✓ CAPITULO II.- FASES QUE PRECEDERAM AO PROCESSO INTEGRADOR

- ✓ Do Aldeamento Indígena ao Cinturão Caipira
- ✓ Do Cinturão Caipira ao Cinturão Verde

✓ CAPITULO III.- O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO Á METRÓPOLE

- ✓ A Capital Estendendo seus Tentáculos
- ✓ A Penetração da Indústria
- ✓ **CAPÍTULO IV.- ITAQUAQUECETUBA ENTRA NO SISTEMA DE ACUMULAÇÃO**
- ✓ Satélite de um Sistema mais amplo da Economia de Mercado

BIBLIOGRAFIA

Essa tese fecha o projeto de pesquisa do Prof. Dr. Pasquale Petrone com seus orientandos, iniciado, como vimos no início deste artigo, a partir de sua própria tese de Livre Docência. Paralelamente a essa proposta ele tinha interesses na totalidade da cidade e na Grande São Paulo.

Outros alunos que mencionaremos a seguir também entraram na temática:

Olmaria Guimarães, 1968, mestrado intitulado “AS FÉRIAS LIVRES DA CIDADE DE SÃO PAULO”.

Gerson Danelli: defendeu em 1978, o mestrado sob o título de “ASPECTOS DA MOBILIDADE ESPACIAL DA POPULAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE SÃO PAULO” (Um Estudo de Circulação numa Paisagem Urbana).

Ruth Lavras Bijoli: apresenta seu mestrado em 1979 sob o título de “UMA VILA PAULISTANA: VILA PALMEIRA”, no distrito da Freguesia de Nossa Senhora do Ó.

Margarida Maria de Andrade: com o trabalho sob o título de “DIADEMA - UMA ÁREA DE EXPANSÃO DA INDÚSTRIA NA METROPOLE PAULISTANA”, defendeu o mestrado em 1979.

Helena Kohn Cordeiro escreve o seu doutorado, pioneiro na temática e na metodologia, sob o título de “CENTRO DA METRÓPOLE PAULISTANA” em 1978, paradigma até hoje sobre os vários centros e suas centralidades na cidade.

Judith de La Corte: tese de doutorado com o tema “CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO ABASTECIMENTO DA CIDADE DE SÃO PAULO EM PRODUTOS HORTÍCOLAS”, defendida em 1985.

O Prof. Dr. Pasquale Petrone aposentou-se em 1983 não antes de que seu aluno de doutorado número 49 defendesse sua. Tese.

Posteriormente, em 1985, foi publicada pela Editora da Universidade de São Paulo sua tese de Livre Docência sobre os “Aldeamentos Paulistas e sua Função na Valorização da Região

Paulistana”, homenageada, muito justamente, configurando-se entre as cem obras mais importantes do Século XX.

Nosso agradecimento, muito especial, pela entrevista outorgada pela Profa. Dra. Maria Thereza Schorer Petrone e pelo Prof. Dr. Mario De Biasi.